

Recife, o oposto do DF

Em Pernambuco o "programa político" com o nome de Guia Eleitoral está batendo recordes de audiência. Uma surpresa para os olhos e paciência de quem está acostumado com os mornos e insossos programas semelhantes produzidos Brasil a fora. Principalmente, os sonolentos e mal cuidados apresentados em Brasília.

A surpresa começa antes mesmo de se ligar a TV. O povo está comentando nas ruas o que viu na noite anterior, como se fosse o capítulo da nove-la preferida.

O atenuante para explicar o distanciamento entre a programação pernambucana e a brasiliense pode, em parte e só parcialmente, estar na polarização entre os dois candidatos, o usineiro Zé Múcio (Frente Liberal) e Miguel Arraes (PMDB) no papel de um mito ressuscitado.

Mas não é só isso. A explicação está na constatação pura e simples de que os políticos pernambucanos estão conseguindo dominar a linguagem da fábrica de ilusões e colocá-la a serviço de suas mensagens e pregações políticas. Em dois sabores ideológicos bem definidos: esquerda e direita.

E para facilitar a vida do eleitor, na programação dos dois partidos que disputam o governo do Estado, a Frente Liberal e o PMDB, descartaram já quase totalmente a figura do candidato parado frente à câmara em fundo neutro ou escandalosamente decorado, a se esvair num irri-tante blá-blá-blá.

No jogo de vale-tudo, de vida e morte, em que se desenvolve a política pernambuca-

na a televisão entra comoarma essencial na conquista do eleitorado. Para tentar mudar a situação que lhe é desfavorável o partido da Frente Liberal apelou para uma bem-cuidada superprodução, com cortes e seleção de imagens em ritmo de fazer inveja aos melhores filmes de faroeste. Tudo isso numa intercalação sucessiva de panorâmicas, detalhes e imagens congeladas.

A estrela principal do programa, o usineiro Zé Múcio, perde seu ar delicado de bom moço, tipo galã dos anos 60, com a apresentação de sua imagem num gesto enérgico de braço erguido e dedo em riste, tendo como fundo musical a música do seriado "He-Man".

Já a coadjuvante Margarida Candarelli, candidata do PFL ao Senado, de traços não muito feminino nem boa oratória, tem sua aparição na telinha antecedida de uma chuva de flores coloridas. Logo depois aparecem cenas dela beijando criancinhas, abraçando pobres velhinhos ou dando tapinhas nas costas de seus correligionários masculinos. E mantém o cuidado sempre de nunca ficar muito tempo sozinha frente a frente com a câmara.

A fábrica de ilusão chega a se processar de forma até meio cínica. No início da semana passada para contrabalançar o peso do comício realizado pelo opositor, na praia de Boa Viagem, onde se concentrou uma multidão calculada em 80 mil pessoas, a Frente Liberal ocupou o centro da cidade com uma passeata que foi, muito competentemente apresentada na telinha, como

se fosse multidão mais entusiastizada e maior do que a do comício adversário, graças à dis distribuição estratégica de câmaras, repórteres e apresentadores, procurando destacar "os melhores lances".

Do outro lado, o PMDB, demonstrando segurança no domínio do espaço eleitoral, optou por uma linguagem quase esparsana, fugindo dos adjetivos visuais e se concentrando no documentário. O candidato a governador Miguel Arraes, em contraponto com a imagem bem cuidada do seu opositor, é enfocado sempre por uma câmara coloca da quase ao nível do solo, para ampliar e reforçar seu jeitão forte de sertanejo queimado de sol.

Fora os cuidados de produção, o telespectador é motivado a manter seu televisor ligado pelos lances de expectativa criada apresentada em cada programa. Se a Frente Liberal ataca, como vem frequentemente fazendo, com imagens de populares dizendo que não votam em Arraes por ele ser comunista, o PMDB, responde a seguir, sem qualquer alusão à denúncia anterior, mostrando, por exemplo, depoimentos de pastores evangélicos dando as razões porque resolveram optar pelo candidato da esquerda.

E depois de cada lance de ataque e contra-ataque fica, ao fim do programa, a curiosidade no telespectador: qual serão os lances decisivos do capítulo de amanhã?

E para nós a melancólica constatação: Como Pernambuco está longe de Brasília, em matéria de mensagem política.